

JORNAL DE GARVÃO

Nº 12 Agosto de 2011

0,50 Euro

www.garvao.net

FESTAS DE GARVÃO 2011

TRADICIONAIS FESTAS DA VILA DE GARVÃO
EM HONRA DE N.ª SR.ª DE ASSUNÇÃO
26 | 27 | 28 | AGOSTO 2011
TERRA PEQUENA DE GRANDES TRADIÇÕES

SEXTA 26 AGOSTO	SÁBADO 27 AGOSTO	DOMINGO 28 AGOSTO
10:00 H - Missa de Comunhão 12:00 H - Missa em honra de N.ª Sr.ª da Assunção 14:00 H - Continuação do Baile 18:00 H - Baile com MARIO NEVES 20:00 H - Variedades com a Actista 21:00 H - QUINA BARREIROS 21:00 H - CONTINUAÇÃO DO BAILE	10:00 H - Alvorada 11:30 H - Abertura de Quinquagem 15:00 H - RALLY PAPER 17:00 H - Grandiosa Comédia de Toiros CAVALARIAS: IDÃO MOURA, TITO SEMEDO, MIGUEL MOURA, FORÇADOS AMADORES DE BEJA 5 TOROS 5 22:00 H - BAILE COM A BANDA IMPULSO 00:00 H - VARIEDADES com a artista REBECA 01:00 H - FERIAÇÃO DE BAILE	09:00 H - Alvorada 10:00 H - Abertura de Quinquagem 10:30 H - ENTREGA DE PULMÃO 12:00 H - ACTUAÇÃO GOSWELSON 13:00 H - FLORES DE MAIO - GARVÃO 14:00 H - ALMA ALentejana - GARVÃO 15:00 H - GRUPO INSTRUMENTAL DE AMOIEIRAS SANE 16:00 H - GRUPO CORATICA 88-00 - VALENTE DE ALBUQUERQUE 18:45 H - Comédia do Espírito de São 19:30 H - LARGADA DE TOROS - PÓVOA DO VALE 22:30 H - BAILE com "RUBEN BAIAO" 01:00 H - FADOS com LUIS ANTONIO - com a actista ANA SOARES 01:30 H - MISS - CRACA 01:00 H - VARIEDADES com a actista ANA SOARES 02:30 H - MISS - CRACA 03:30 H - MISS - CRACA

Organização: Associação de Festas e Primárias de Garvão
Reserva de Honra: Tel. 288 506 141

ANTONIO FRANCISCO DELFINO
S. V. S. ONCALVES

MBR
M. A. L. TOMÉ AMARAL

EUROPLANIC
S. D. ESTÁGIO

A Associação de Festas e Primárias de Garvão agradece a todos os seus colaboradores.

UM POVO DE TRADIÇÕES
CARLOS ALVES
Vereador do Pelouro da
Agricultura e
Desenvolvimento Rural
Pag. 11

DESENVOLVIMENTO LOCAL
Evidenciar Potencialidades Adormecidas em
Territórios Demográficamente enfraquecidos
Pag. 6/7

"MUNICIPANDO"
PEDRO DO CARMO
Presidente da Câmara
Municipal de Ourique
Pag. 2

CASA do POVO de GARVÃO
Nova Direcção Tomou Posse. Pag. 8/9



HUGO JORGE
Novo Presidente da Casa do Povo

**INSTITUTO NACIONAL DE
ESTATÍSTICA**
Divulga Resultados Preliminares dos
Censos de 2011
Garvão Perde Habitantes Pag. 12

COMEMORAÇÕES
dos 500 anos do
Foral Novo
Pag. 3

EDITORIAL

Foi-nos legado um passado cheio de história, de tradições e mistérios.

Fizemos história com o homem das Antas, com os adoradores do Santuário, com os nossos patrícios, que se sentaram nos bancos das cortes, e com os nossos homens do Concelho e das Confrarias.

E sobrevivemos.

Como vila, como comunidade, como herdeiros duma cultura que nos legaram, e que demos continuidade.

Assistimos à vila a transbordar de alegria pela feira e pelas festas, alegria que renasce e se renova ano após ano.

Ficamos tristes quando alguém parte, quando vemos os mais jovens sem esperança partirem na ilusão de uma vida melhor.

Enlutamo-nos quando alguém morre, como se um pedaço de nós também desaparecesse, as nossas recordações enterram-se e recordam-se em cada cova.

O presente será um legado do passado, mas não deixa de ser, também, um legado para o futuro:

Onde não agonizemos na escassez da nossa população.

Onde Garvão não seja um lugar, cada vez mais, onde as crianças crescem no desejo e ilusão de saírem daqui.

Onde não nos contentemos com o pouco que nos dão, porque estamos habituados a que nos dêem tão pouco ou a gerir a escassez.

Onde não culpemos os “outros” por não termos tido a coragem, em nenhum momento, de preconizarmos medidas mais ambiciosas, invocando sempre, como desculpa, as condições precárias da vila, talvez para esconder a nossa incapacidade e afinal acabarmos por aceitar a estagnação e a continuação de usos ou preceitos de gestão, moribundos e já ultrapassados.

Onde as causas associativas não estejam adulteradas, e vazias dos seus propósitos mais nobres.

Onde a população não se acomode à estagnação política, a não ser pelos breves períodos eleitorais, e não se alheie da participação activa nas decisões que lhe dizem directamente respeito.

Que os jovens irrompam com a sua irreverência, politicamente conscienciosos e descomprometidos de comportamentos radicais.

A vila continuará a acordar, soalheira, nos meses de verão, friorenta, nos meses de inverno. Chaminés continuarão a deitar o fumo das lareiras que aquecem os jantares em panelas de barro, que como manto secular protector paira sobre os telhados da vila, com telhas ancestrais, em ancestrais paredes de taipa.

Velhos arqueados continuarão a carregar a lenha que acenderá os fogos no inverno e velhas arqueadas continuarão a carregar as quartas de água do poço.

Pelos finados, e em romaria ao cemitério, carregados de flores honraremos os nossos mortos, como um cordão umbilical que nos prende a esta terra, uma terra que tem estado escondida, que a maioria de nós desconhece, mas que esconde uma enorme riqueza que nos devemos orgulhar e acarinhar.

Se não temos conseguido dar-lhe o seu devido valor.

Se temos falhado em desenvolver e promover a terra onde nascemos ou moramos.

Se as sucessivas gestões autárquicas, talvez mutiladas ou condicionadas às decisões políticas e orçamentais, não têm promovido acções de valorização.

Não quer dizer que tenha de ser sempre assim.

Daqui a uns anos ainda cá estaremos, talvez melhor, talvez pior, dependendo das decisões acertadas, ou não, que viermos a tomar.

Dependendo da nossa capacidade de pensarmos como comunidade.

Dependendo da nossa coragem em preconizarmos medidas concretas de resolução dos problemas.

Dependendo, sobretudo, de nós.

MUNICIPANDO...

PRESIDENTE Pedro do Carmo

AREFORMADASAUTARQUIAS

Num momento em que impõe uma discussão sobre a reestruturação das autarquias muito se tem falado sobre a possibilidade de extinção de freguesias e, também, de municípios.

Sou contra a extinção de freguesias, sobretudo no meio rural e no interior do país como é o nosso caso. Entendo que as juntas de freguesia desempenham um trabalho importante no estabelecimento da proximidade com as pessoas, representam a garantia da resolução de um conjunto de problemas e dão identidade própria e distinto às comunidades.

É verdade que Portugal atravessa um problema financeiro grave. Mas não será através de redução de freguesias e de municípios que se farão notar os impactos necessários à redução da despesa.

Aliás, as suas extinções criariam outros problemas: agravando outros custos, promovendo um fosso maior entre as pessoas ao nível do território e acentuando as diferenças sociais.

É importante que quando se discutem estas questões não se faça uma mera aplicação de *régua e esquadro* e que se considerem as pessoas e as suas comunidades como um património valioso na consolidação e funcionamento de um País.

No caso de Garvão, outrora sede de concelho, e nos casos do nosso Município não me parece nada adequado que uma reestruturação possa fazer diminuir o número de freguesias com a argumentação da poupança e da eficácia.

Nada mais errado! As nossas freguesias e as suas populações estão devidamente identificadas com as suas realidades, constituem identidades próprias que importam preservar, têm as suas próprias dinâmicas, entre muitos outros aspectos.

Se há reforma que é necessária fazer em Portugal é a da cidadania e dos direitos e das oportunidades. E neste caso as freguesias e os municípios do interior e do meio rural carecem de maiores atenções e apoios para promoverem melhores condições de vida e para combater o isolamento e a discriminação.

É com este espírito que me empenho na defesa da nossa terra, de cada um dos lugares e das freguesias do Concelho. Faço-o por compromisso e obrigação mas sobretudo pela convicção de que protegendo os nossos espaços e identidades valorizamos sempre as pessoas. E orgulho-me muito das pessoas da minha terra.

Pedro do Carmo
Presidente da Câmara Municipal de Ourique



JORNAL DE GARVÃO

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Redacção: José Pereira Malveiro

Apoios: Câmara Municipal de Ourique - Junta de Freguesia de Garvão - Casa do Povo de Garvão

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

TIPOGRAFIA: Netimpressos - Rio de Mouro, Sintra.

www.garvao.net



Festas e Livro da Funcheira

A Estação da Funcheira comemorou 100 anos.

Festejou-se no passado dia 23 de Julho, cem anos sobre a construção da Estação da Funcheira, na freguesia de Garvão, estação emblemática do Baixo Alentejo no entroncamento entre as linhas do Sado e do Sul. Várias iniciativas promovidas por um “Grupo de amigos da Funcheira” assinalaram esta data.

Para além da apresentação do livro que deu o mote às comemorações, “Funcheira, tesouro perdido dos Caminhos-de-ferro”, da autoria de Miguel Goís da Silva, ele próprio com fortes ligações à Funcheira, as comemorações contam ainda com: A exposição de fotografias da Funcheira:

Espectáculo de viola Campaniça: Canto do Baldão: Actuação do Grupo Coral e Instrumental Maravilhas do Alentejo e do Rancho Folclórico regional da Palhota e Venda do Alcaide, a missa celebrada será em honra da estação da Funcheira

O programa da festa retrata bem a importância que os caminhos de ferro tiveram no surgimento da terra e como moldou as vidas dos funcheirenses, contudo, cem anos depois a Funcheira é hoje uma pálida imagem da terra e da estação que já foi, à semelhança de muitas outras estações ao longo da linha do Alentejo.

Da terra com cerca de 500 habitantes, muitos deles ferroviários e com trabalhos ligados à ferrovia, a Funcheira tinha sapateiros, barbeiro, talho, taberna e cafés, clube de futebol e rancho folclórico, hoje, pouco resta. Com uma população envelhecida, de ruas quase desertas, a própria estação, que tanto movimento deu à terra, está praticamente abandonada.

Excepção feita ao pequeno café que ainda vai funcionando, para servir os poucos habitantes da estação e os escassos passageiros que ainda vão chegando ou partindo nos comboios para Lisboa, Beja ou Algarve.



Livro
“Funcheira, tesouro perdido dos Caminhos-de-ferro”
de Miguel Goís da Silva



500 anos do Foral Novo

Em 1 de Junho de 1512 o rei D. Manuel outorgou o foral-Novo a Garvão pela reforma do Foral-Velho, outorgado em Fevereiro de 1267.

Pela reforma dos forais-velhos o rei D. Manuel procurava acabar com os particularismos locais e uniformizar estes documentos fundacionais da maioria dos concelhos portugueses, não só em termos de lei geral para com o reino, como em termos de escrita, pesos e medidas, que se encontravam, 250 anos depois, desactualizados.

Os Forais-velhos foram outorgados numa altura de reconquista territorial aos Muçulmanos e de consolidação do reino, eram cartas de garantia e deveres outorgadas entre as comunidades e o rei, ou com entidades autorizadas para tal. Contudo mais do que uma “...aliança do rei e dos concelhos contra as classes privilegiadas, o clero e a fidalguia”, como defendeu Alexandre Herculano é de facto o reforço do poder régio, ou como afirmou Marcelo Caetano “Os reis viam no povo o aliado ideal para atingir os seus objectivos e o povo sentia no monarca a salvaguarda das suas liberdades”², a “liberdade” consagrada nas cartas foralengas é em relação à dependência destas comunidades autónomas face às pretensões dos senhores e não do rei, de facto a intervenção do rei na defesa dos concelhos contra os nobres faz-se sempre à custa da autonomia concelhia.

A chamada reforma manuelina dos Forais ou Forais de leitura nova atribuída a D. Manuel I, não deixa de ser um longo processo de reivindicação municipal iniciado durante o reinado dos seus antecessores e praticamente durante toda a segunda dinastia, não só contra os abusos e prepotência dos poderosos, como inclusivamente, de uma interpretação abusiva da carta do Foral.

Com a redacção a escrito dos forais novos, procurou-se, também, uma actualização e uniformização da linguagem utilizada nas redacções dos diversos forais velhos, e inclusivamente uma unificação dos dinheiros, pesos e medidas até aí desigual e variável entre os vários lugares do reino, para uma melhor facilidade nas trocas comerciais, ente as várias regiões, e um efectivo cumprimento das obrigações foraleiras.

Celebra-se assim no próximo ano, a 1 de Junho, os 500 anos da outorga do Foral-Novo a Garvão.

Espera-se com a notícia deste acontecimento praticamente a um ano deste data, não só despertar interesses, para a respectiva comemoração, como, também que o livro “O Foral-Novo de Garvão”, em finalização, se encontre publicado.

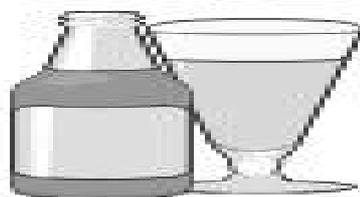
¹ Alexandre Herculano, *História de Portugal III*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1987.

² Marcelo Caetano. *História do Direito Português (1140-1495)*, Lisboa, Verbo, 1981.



DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a publicidade incluída neste jornal não está sujeita a pagamento

Café Central



Manuel Bárbara dos Reis
Comidas e
Dormidas

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



GRAFITO NA BASE DE UMA CERÂMICA

DESCOBERTO NO DEPOSITO VOTIVO DE GARVÃO

Entendia-se que a primeira forma de escrita na Península Ibérica, introduzida pelos Fenícios e adaptada às línguas locais (ou nas próprias línguas destes navegadores do Levante Mediterrâneo), estaria em uso entre os séculos VII e V a.p., segundo as inúmeras estelas epígrafas encontradas e o contexto em que estavam inseridas, considerando-se extinta a partir dessa data.

Contudo a descoberta destas inscrições na base de uma taça no Depósito Votivo de Garvão do século II a.p., coloca Garvão e Alcácer do Sal, (pelas moedas encontradas), os locais onde mais tardiamente se manifesta a utilização e o conhecimento desta escrita, para muito além do que era vulgarmente entendido.

“Em Garvão identificou-se um grafito (Alarcão e Santos 1996, 272 n° 32), de leitura discutida (Correa 1996a), sobre a base de um vaso do depósito votivo. Independentemente da sua leitura o seu achado é muito importante pela sua cronologia e a sua paleografia significativa pela sua proximidade à da amoedação de Alcácer do Sal (cf. Correia 2004b).”

“O grafito de Garvão documenta a extensão do uso da escrita do Sudoeste, mesmo já fora do seu uso mais tradicional da epigrafia funerária, até meados do séc. II a.C. (Beirão et alii 1985, Correia 1996b); é essa data do fecho do depósito votivo e o grafito foi feito numa das peças de tipologia mais comum nesse depósito, sendo por isso natural pensar que não era uma peça muito antiga quando foi ocultada.

Esta datação permite afirmar que o grafito de Garvão é genericamente contemporâneo da legenda indígena da amoedação de Alcácer do Sal, sendo portanto necessário abandonar o mais forte argumento quanto à não pertença dessa amoedação ao signário do Sudoeste, que era precisamente a questão das datas conhecidas de utilização de um e de outro (Correia 2004c).

Retirado este Argumento (contra Faria 1991), não há razão para se não valorizarem alguns indícios paleográficos presentes numa e noutra inscrição, que abonariam a favor da pertença de ambos ao mesmo corpus epigráfico, o do Sudoeste.”

In: A ESCRITA DO SUDOESTE: UMA VISÃO RETROSPECTIVA E PROSPECTIVA, Virgílio Hipólito Correia



ESTELA DO ARZIL COM ESCRITA DO SUDOESTE

A estela do Arzil, com inscrições da denominada escrita do Sudoeste, de influência Fenícia e de outros povos Semitas do Mediterrâneo Oriental, provém de uma necrópole situada a cerca de 200 m do Monte do mesmo nome, a pouca distância da ribeira de Garvão, relatando-se, possivelmente, com o habitat da Idade do Ferro localizado na proximidade.

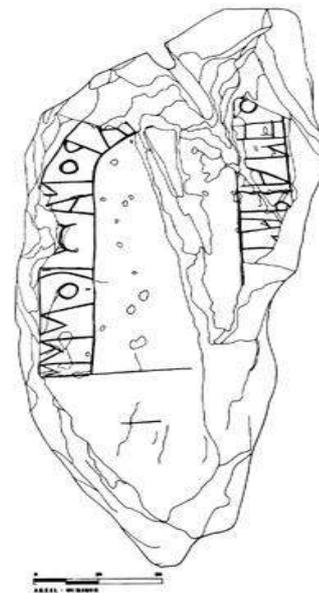
Situa-se numa pequena elevação de vertentes suaves, onde predominam os terrenos xistosos, aflorando à superfície os denominados “chapéus de ferro” que foram, muito possivelmente, durante a Idade do Ferro, alvo de exploração mineira por povos do Mediterrâneo oriental, cujos vestígios foram detectados.

Leitura segundo Rodriguez Ramos (J.21.1):
uarpánté[/]arenaRkénii
uarpóirsaruneeapárenaRkénii
[Mu] Vartoiir Sarunee mare nargenii

As referências à existência de uma mina nas proximidades, e alguns vestígios de exploração mineira no local, têm sido os argumentos usados para conectar o sítio com uma actividade extractiva de minério. Os solos do seu território envolvente incluem-se nas Classes C e D, o que, aliado à proximidade de cursos de água, faz pensar numa área de razoáveis capacidades agrícolas, permitindo uma agricultura de subsistência.

Sobre os mecanismos de relacionamento e coesão social, religiosa e económica destes habitats, ver o artigo sobre o Castelo de Garvão em www.garvao.net, como “Lugar central” e a sua supremacia nestes grupos mais ou menos dispersos.

In: ARRUDA, ANA MARGARIDA, A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo, REVISTA PORTUGUESA DE Arqueologia .volume 4.número 2.2001



enlar
Sistemas de Energia Alternativa, S.L.
Informação: 926 005 930 - 936 347 021
geral@enlar.pt

CAFÉ LINA
Carlos António Lina
926 005 930
Chada Nova

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

LINDAMIRA DÓLORES DE BRITO GARVALHO
Tel. 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO



A MURALHA DE GARVÃO: PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO TOPOGRÁFICA

A Proposta de Implantação da Muralha de Garvão resulta de um trabalho científico em âmbito universitário, que tinha em vista a posteriori a sua apresentação no Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular deste ano, em Almodôvar, mas por motivos maiores não foi possível realizar. Deixo aqui às pessoas curiosas da história, um pouco como era Garvão há cerca de 2500 anos atrás.

Pretendemos dar a conhecer com o estudo sobre os cerros de Garvão, com vista ao traçado hipotético da muralha que delimitou o espaço correspondente ao povoado ali existente na Idade do Ferro (área interior estimada em 5/6 hectares), que urge aferir arqueologicamente, tendo em conta o carácter especial daquele local, associado a um dos grandes centros da espiritualidade proto-histórica do Sudoeste peninsular, dado a conhecer por Caetano Mello Beirão e colaboradores em 1985.

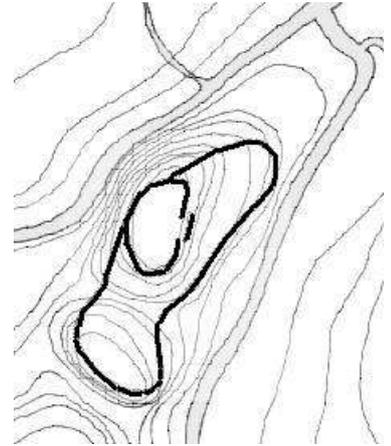


Corte Transversal dos Cerros da Muralha do Castelo de Garvão

Duas colinas de topo aplanado, o Cerro da Vila e o Cerro do Forte, situados na fértil várzea (terrenos de classe A) onde confluem as Ribeiras de Garvão e de S. Martinho, constituem, desde a Idade do Ferro, um local de passagem incontornável das grandes rotas, charneira entre o acesso aos portos atlânticos e as vias de ligação ao mundo mediterrânico, bem como à área celtizante com desenvolvimento para Nordeste. Professor Jubilado da Universidade de Coimbra, Jorge de Alarcão, defende tratar-se de um dos pontos de paragem mediando Alcácer do Sal e Mértola na jornada entre o estuário do Sado e Tartessos, mencionada por Estrabão(?). Esta conjuntura, onde os indícios de assentamento humano mais antigo são atribuíveis à Idade do Bronze Final, foi determinante para o estabelecimento do santuário da II Idade do Ferro e para o desenvolvimento do povoado.

A fortificação em estudo circunda o topo dos cerros, vencendo a depressão que os separa e estende-se, numa segunda linha, junto à zona ribeirinha, a Sudeste. Caracteriza-se pelo desenvolvimento em volume, mas também aproveitando afloramentos rochosos que ocorrem nas encostas abruptas. Actualmente, encontra-se camuflada pelo seu próprio derrube e pela consolidação do solo sobre o mesmo; em alguns segmentos foi destruída pela acção humana, na sequência do desenvolvimento da povoação. A planta

proposta constitui uma primeira hipótese de implantação da muralha, resultante da análise da topografia, interpretação das anomalias no terreno e informação das intervenções arqueológicas realizadas que abrangeram alguns troços, nomeadamente por Teresa Ricou, em 2002, em que se expôs um com cerca de 2.60 metros de espessura, a Sudeste do Cerro da Vila, associado a níveis estratigráficos da Idade do Ferro.



Traçado Hipotético da Muralha do Castelo de Garvão

Indícios da fortificação materializam-se em anomalias topográficas (interpretação da cartografia de pormenor e fotografia aérea), no reaproveitamento de pedras resultantes da desmontagem da muralha em muros de sustentação e outras construções, que parecem ter transportado para a actual malha urbana condicionantes herdadas, por hipótese, da Idade do Ferro. Apontam-se, ainda, prováveis acessos e sistemas de entrada no interior do recinto fortificado, nomeadamente na zona baixa entre cerros, levando em consideração o importante peso da tradição oral de Garvão, onde a memória dos caminhos está fortemente preservada, em resultado do carácter de passagem e de romarias.

A abordagem topográfica detectou ainda, no sector da vertente voltada a Norte do Cerro do Forte, fortes marcas de modelação arcaica da encosta, em taludes, constituindo patamares ligados por rampas, onde abunda material atribuível às II e III Idades do Ferro (Romanização), nomeadamente cerâmica estampilhada e formas de Campaniense A (cópias mais toscas da cerâmica Grega). Aquela modelação do relevo, por hipótese associada ao santuário, de acordo com uma estimulante proposta defendida por Amílcar Guerra e colaboradores para o santuário de Endovélico, revela uma preocupação clara com a função religiosa, que deve ter desempenhado um importante papel na configuração da própria fortificação.

JOSÉ DANIEL MALVEIRO
CARLOS DUARTE SIMÕES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

paraFarmácia GARVÃO

Técnico: Luis Miguel de Oliveira Vieira Neto

Rua 25 de Abril n.º 3
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200
Fax: 286 555 405
parafarmaciadegarvao@hotmail.com

rádio CASTRENSE 93 FM

emissão on-line

plena voz - programas - notícias - desporto - género feminino - mais

Adília Pereira Coelho

TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA

Tel. 286 555 173 - Resid: 286 555 381
Rua do Alamo, 13 - GARVÃO

"BAR DA ESTAÇÃO"

REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS

de: Célia Maria Pacheco Silva

Telem. 917 591 497
7670 - 129 FUNCLIEIRA - GARE

AUTO LITORAL

ARRIBA ARRIBA

AV. FERREIRA ALVES, 114 - 7670 GARVÃO
CAMPO REDONDO

Restaurante Martins

Bairro Nova da Sardoá
Lote 38

de
Joaquim Martins Moreira Costa

7670 Garvão

Tel.s - 936 347 021 e 932 582 913



Reforço do Associativismo. Evidenciar Potencialidades Enfraquecidas

Desenvolvimento Local

A problemática do desenvolvimento local, e mais propriamente a que concerne ao espaço rural tem sido abordado, nas últimas décadas, em locais que embora ricos em património histórico e cultural, sofre os efeitos do despovoamento e da desertificação humana.

Torna-se, assim, necessário evidenciar potencialidades adormecidas e subalternizadas pela sociedade urbano-industrial, sobretudo nos domínios do património cultural e natural e, com a convicção de que são uma mais-valia a desenvolver e um contributo necessário não só para a salvaguarda das memórias locais, mas também, como factor de desenvolvimento local para revitalizar territórios demograficamente enfraquecidos.

Todavia, o desenvolvimento local constrói-se com os cidadãos e para os cidadãos, sendo por isso necessário compreender qual a sua disponibilidade e o seu contributo para o envolvimento cívico, para a participação local numa óptica multifacetada (cultural, económica, desportiva, política, religiosa e social), pilar indispensável à construção do edifício do desenvolvimento e uma atitude que não deverá ser sujeita a fronteiras, nem tão pouco limitada pelo chavão do envolvimento político.

Desenvolver para as gerações futuras

É um dever e um direito de todo e qualquer indivíduo, de intervir activa e pacificamente na vida da colectividade com vista a manifestar a sua opinião e sugerir alternativas de mudança e intervir em prol do colectivo, de uma forma, quer activa e interveniente, quer de mera cumplicidade, seja em termos associativos, culturais, desportivos, políticos ou religiosos e sociais, com vista à preservação do património ecológico, social, recreativo e cultural, por forma a melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e a criar estruturas de atracção e revitalização que permitam às gerações futuras existirem fora do contexto das grandes ou médias cidades.

A melhoria da qualidade de vida, a educação para o desenvolvimento, entendida nas suas vertentes formal e informal, a preservação do património natural e construído, a colaboração entre o poder político, os agentes económicos e os cidadãos (apesar do absentismo eleitoral) deve ser norteada para a:

participação associativa - cooperativas, associações desportivas, de amizade, de defesa do ambiente, de defesa do consumidor, de defesa do património histórico, de manutenção da identidade territorial, de moradores, de investigação científica, de Pais e Encarregados de Educação, de solidariedade social, profissionais, etc.

participação cultural/lazer - concertos, festas tradicionais, exposições, filarmónicas, grupos de teatro, ranchos folclóricos, etc.

participação desportiva - assistência e/ou organização de diferentes actividades, tais como atletismo, cicloturismo, futebol, montarias, etc.

participação religiosa - actividades/iniciativas promovidas pelos Centros Paroquiais, militância em movimentos religiosos, etc.

participação social - voluntariado para auxílio a cidadãos carenciados, doentes, idosos, jovens deficientes; obras de melhoramento do local de residência; protecção de pessoas e património, etc.

Apoio a actividades teatrais em meio rural e ao artesanato rural, assistência arquitectural, campanhas para a valorização de produtos da agro-pecuária, construção de habitação social, promoção de produtos turísticos especificamente rurais, fomento do “atelier rural” para os jovens que pretendam instalar-se como independentes, melhoramento da informação e animação turística, das infra-estruturas educativas e viárias, bem como do património histórico construído, etc.

Implementação de acções conjuntas

A implementação de acções conjuntas é uma das estratégias possíveis para conferir uma nova dinâmica ao local, numa perspectiva de responsabilidade partilhada onde o envolvimento dos cidadãos não seja uma mera figura de retórica. Contudo, este instrumento de democracia participativa, que aponta para uma resolução concertada dos problemas, leva-nos a chamar a atenção entre o afastamento existente na “prática dos discursos políticos” e a “prática das actuações”.

Muito há ainda por fazer em termos locais no quadro da formação para a cidadania, para uma consciência associativa e no fundo democrática, onde o envolvimento activo das populações tem de ser claramente enunciado como um objectivo estratégico e não apenas como uma intenção. Se no futuro queremos ter políticos, dirigentes associativos, dirigentes da administração, agentes económicos e cidadãos em geral, dialogantes e parceiros de um desenvolvimento onde a responsabilidade é partilhada e não apenas uma palavra que se escamoteia consoante as situações e os interesse em jogo.

Um olhar sobre o território

As comunidades continuam a manifestar sintomas de atrasos significativos no seu desenvolvimento integral provocados pelas realidades sociais e geográficas dos territórios. Acentua-se o fosso socioeconómico, educativo, social e cultural entre as comunidades rurais e urbanas. Estes são estigmas materializados na desumanização do território provocados por sintomas exógenos e endógenos: bolsas de pobreza associadas à falta de oportunidades de emprego, ao défice de dinamização da economia local, ao abandono dos territórios e à elevada taxa de iletrados (não completamente analfabetizados). Uma realidade que conduz à exclusão social das populações mais vulneráveis.

O envelhecimento da população associado ao declínio da população jovem e adulta activa provocado pelos movimentos do êxodo rural, o desânimo e descrenças nas melhorias da qualidade de vida individual

Salão Mila
Emília M.^a Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telem. 965 779 545 GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIRAS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Telef. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL PNEUS
RECONSTRUIDOS
FEDIMA[®]
LUBRIFICANTES
SHELL



MENTO LOCAL

des Adormecidas em Territórios Demográficamente

uecidos

e colectiva são causas para as quais, é preciso encontrar soluções participadas.

Face a esta realidade social que respostas são possíveis construir com a comunidade? Que alternativas de desenvolvimento têm os actores sociais? Que contributo as Associações locais e a animação sociocultural podem dar ao desenvolvimento comunitário?

O Desenvolvimento Local/Comunitário

Este modelo de desenvolvimento caracteriza-se por um processo de melhoria das condições culturais, económicas, educativas e sociais das populações através de iniciativas de base comunitária, de valorização dos recursos humanos e materiais em ligação privilegiada com as populações locais e as instituições do território em zonas rurais ou urbanas, no litoral ou interior.

A comunidade, como grupo de pessoas que habitam um espaço geográfico específico, cujos membros se identificam e têm em comum relações de proximidade: familiar, económica, histórica e cultural e que interagem entre si mais intensamente do que noutro contexto, é o nervo central para a sustentabilidade da construção de alternativas de desenvolvimento do território, capaz de gerar sinergias criativas localizadas no envolvimento das populações.

Escola e educação

O desenvolvimento de serviços de educação, a escola como instrumento de desenvolvimento e a educação e formação profissional; a promoção de associações e cooperativas com o intuito de criar as condições sociais indispensáveis para o desenvolvimento comunitário; o fomento do artesanato e das indústrias rurais e outras pequenas indústrias, como modo de gerar emprego e facilitar o aproveitamento dos recursos materiais das comunidades e o favorecimento da educação e das actividades recreativas são outros serviços que podem ser implantados. Uma aposta na educação permanente geradora de um desenvolvimento cultural, social e económico.

A Animação Comunitária encontra um campo fértil de actuação no fomento do associativismo, nas actividades de voluntariado e do trabalho juvenil, nas políticas de educação cívica e de pedagogia de consciência crítica, nas iniciativas que promovam a identidade comunitária nomeadamente, a promoção do património cultural e natural, símbolo vivo da cultural local.

As raízes culturais, na valorização da auto-estima e da cultura

A Animação direccionada para os processos de desenvolvimento local deve privilegiar novas formas de olhar a realidade na perspectiva das gentes, trabalhar com elas um conjunto de competências, valores e princípios desde as suas raízes culturais, no sentido da valorização da auto-estima e da cultura, elemento central da ideia de comunidade.

Animar o desenvolvimento comunitário é educar para os valores

do “local” e sensibilizar para o papel que cada indivíduo pode cumprir para o bem comum, é sedimentar espaços de construção alternativos à realidade presente, é provocar a mudança social com a comunidade. As pessoas deverão assumir o protagonismo da acção comunitária, um processo difícil de se construir na sustentabilidade da participação, mas certamente, mais activo, consciente, democrático e libertador de preconceitos culturais e estigmas sociais associados ao território local.

O associativismo é um dos vectores de intervenção no território. Ele é escola de cidadania activa, espaço de Animação Sociocultural e de desenvolvimento de percursos de educação não formal, fomentador da democracia cultural. As colectividades locais deverão ser agentes da valorização e preservação da cultura popular e contribuintes da mudança social.

Cultura e património

A cultura materializa-se num conjunto de práticas sociais e culturais identitárias de uma comunidade e do território. Ela é constituída por artefactos construídos e trabalhados pelo colectivo, é um património rico em diversidade cultural e símbolo material da memória colectiva. A cultura é um recurso endógeno do território e das suas comunidades, poderá ser potenciadora de novas dinâmicas socioculturais e constituinte de emprego. Um horizonte no qual, as pessoas são parte activa integrante dos processos de desenvolvimento local.

As comunidades têm que estar sensibilizados para os proveitos que se podem obter da cultura. Este é um processo contínuo de consciencialização dos grupos para o património cultural. A ideia de participação activa e de uma cidadania cultural é uma convocatória a um compromisso social com o desenvolvimento local através da cultura.

O Associativismo

A ideia de cultura deve ser concebida como elemento de inclusão social, uma responsabilidade de um conjunto de instituições – museus, autarquias, centros culturais, teatros e associações –, que têm um papel activo em projectos de desenvolvimento comunitário no contexto cultural. A auto-estima das pessoas podem ser trabalhadas desde a cultura, é imperioso desenvolver um processo de consciencialização através da cultura, trabalhar atitudes e comportamentos, desenvolver processos sustentáveis de empregabilidade desde a cultura.

Os agentes do desenvolvimento local, nomeadamente as Associações, não podem conceber a ideia de desenvolvimento comunitário divorciada das pessoas, dos territórios e dos seus recursos.

Pensar o desenvolvimento é promover práticas de cidadania activa e comprometidas com a cultura. As Associações devem actuar como o garante da comunidade no acesso ao usufruto sustentado do património cultural e comprometidos com a cultura dos valores, da justiça social e do compromisso com o desenvolvimento sociocomunitário.

JPM



CASA DO POVO

Centro Social Cultura e

Entrevista a Hugo Jorge

A nova direcção da Casa do Povo, Centro Social Cultura e Recreio da Casa do Povo de Garvão, (CSCR) tomou posse no passado dia vinte e dois de Julho deste ano, praticamente dezanove anos depois da criação da CSCR. A herança traduzida no reduzido número de sócios pagantes, e o pagamento das dívidas à Segurança Social, fornecedores e funcionários parecem ser as preocupações imediatas.

Que motivações levaram a esta candidatura?

As motivações levaram a que fosse essencial dinamizar e revitalizar um espaço que se encontrava adormecido, com o espírito jovem dar criatividade ao espaço, que certamente se for melhorado, terá todas as condições para as pessoas quererem lá voltar.

Como surgiu a ideia deste grupo de jovens tomar esta direcção.

A ideia partiu quando constava de que não iria haver lista para a direcção do CSCR, e esta possivelmente iria fechar, entretanto a ideia foi-se consolidando juntamente com outros membros dos actuais corpos gerentes.

Qual a média das idades dos corpos gerentes

Não sei precisar mas rondará os cerca de vinte e quatro ou vinte cinco anos.

A Direcção é pouco heterogénea, pois não conta com elementos de várias faixas etárias, poderá eventualmente ter algumas implicações em termos de associados?

Não, pelo contrário porque nestas duas semanas de mandato desta nova direcção tem-se constatado precisamente o contrário, pois tem havido uma grande adesão por parte de várias faixas etárias a se associarem a esta colectividade e quem há bastantes anos não era sócio pagante tem voltado a entrar na Casa do Povo e a regularizar as suas quotas.

O voluntariado numa associação por vezes não é fácil, qual a motivação principal?

Porque como natural de Garvão e apesar desta colectividade não ser minha ou de qualquer outro membro destes corpos gerentes tanto eu como os outros elementos entendemos que se trata de um trabalho para a comunidade e em prol do desenvolvimento da nossa freguesia

O esforço vale a pena?

Sim, sem dúvida. Basta ver o esforço e espírito de união que existiu entre nós membros dos corpos gerentes e não só deixando já uma palavra de

agradecimento para todos eles pelo trabalho e dedicação demonstrado, ficando de todos nós uma marca em tudo aquilo que foi aquela semana de trabalho e companheirismo que resultou numa remodelação do espaço. Criar nas gerações actuais o sentimento de pertença e de responsabilidade, através da participação dos jovens na limpeza e recuperação do edifício e na organização do arquivo, finanças, expediente e gestão da casa do povo envolve-os e cria laços de união necessários para o futuro.



Esta limpeza a que se assistiu com os novos corpos sociais será de facto para varrerem com o passado?

Não se trata de varrer com o passado; mas para preparar um futuro que se espera mais digno para esta casa.

Que tipo de apoios poderá contar a Colectividade?

Presentemente foi solicitado à Câmara Municipal de Ourique um agendamento de uma reunião bem como à junta de Freguesia, entretanto posso adiantar de que num breve contacto com o presidente da Câmara que se mostrou bastante disponível para colaborar, tem, também, havido particulares que em breve iremos agradecer publicamente pela sua disponibilidade, dedicação e respeito por este trabalho.

Café Beira Linha
ALMOÇOS E JANTARES
Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO

Coel. N.º 301 897 621
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.™
ARMAZENISTA - DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 - Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8
OURIQUE

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisões
Telef. 286 555 111
GARVÃO

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Cajilharia de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Folha
Tectos Falsos - Decorações e Residências Grátis
Tel./Fax 286 555 164 - Rua Nova 25-B - GARVÃO



de GARVÃO

Recreio da Casa do Povo

Novo Presidente da CSCR

Quais os objectivos principais que pretende seguir no mandato que agora vai começar?

Os objectivos principais que se pretende atingir no mandato que agora se iniciou serão: dignificar e dinamizar esta Colectividade quer em termos morais, culturais, desportivas e patrimoniais. Pretendendo atingir esses objectivos com a realização das actividades propostas e aprovadas no plano de actividades, não só dar continuidade às actividades que esta colectividade tem vindo a desenvolver, nomeadamente o grupo coral “Alma Alentejana” e recuperar o futebol, como também desenvolver outras actividades.

Em termos financeiros como é que encontraram a casa do povo?

Em termos financeiros quando tomamos posse deparamo-nos com uma situação algo complicada, à qual optamos por fazer uma auditoria interna às contas do CSCR. Como não encontramos qualquer tipo de receita, nem em dinheiro ou outros créditos, optamos por um plano de gestão financeira muito rigorosa. Encontramos uma dívida à segurança social, trazida desde o ano de 2008, por falta de pagamento à mesma no valor aproximado de 2.900 euros que acordamos de imediato com a Segurança Social o pagamento por prestações para regularizar a dívida e retirar a penhora que incidia sobre a conta bancária desta colectividade à ordem da segurança social. Em termos de pagamento a fornecedores encontramos um valor aproximado dos 4.500 euros em facturas para pagar, das quais algumas já se encontram regularizadas neste momento com as receitas das últimas semanas.

Considera que a Casa do Povo têm um papel importante para a divulgação do Património e da cultura?

Desde de sempre que a casa do Povo tem um papel importante, não só na divulgação do Património e Cultura, como também na sua demonstração, estando a ser colocado o espólio do Grupo Coral Alma Alentejana e futuramente o do já extinto Grupo Coral Infantil de Garvão.

Como caracteriza as relações com as outras associações?

A nossa postura em relação às outras associações será sempre de união em prol da nossa freguesia, estando esta colectividade, tal como o espaço onde está sediada estará sempre ao dispor das associações existentes na freguesia como também de qualquer associado para as mais diversas actividades

Para terminar, que apelo gostaria de deixar aos sócios e à população de Garvão em geral?

Gostaria de deixar uma palavra de agradecimento aos novos corpos gerentes e a todas as pessoas que ajudaram na remodelação do espaço pela sua inteira dedicação, aos sócios e à população em geral pela colaboração e aceitação desde novo projecto. Estando nós disponíveis a qualquer pessoa, associação ou instituição. Somos um grupo de jovens com sentido de responsabilidade e com vontade de fazer da casa do povo uma casa credível.



Café Futuro



Almoços e Jantares

Rua do Álamo

--- Internet Wireless ---

Associação Futuro de Garvão

B. P. & P. Lda.
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO
Batista Pereira & Pereira, Lda.

Construção e Remodelação

Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira
Teloms.: 96 648 50 19 - 96 232 15 49 Fax: 21 980 40 06
E-mail: baptistapereira2001@sapo.pt

Garvão
mini mercado
De: José António Silva Nunes Lg. da Palmeira, 4 - OURIQUE
GARVÃO SUPER
MINIMERCADO

Os Docinhos da Céu
Café Pastelaria
de: Maria do Céu Candido
Tel. 286 555 252 - 286 107 917
Tlm. 938 291 029 - 939 297 392
Rua de Ourique, 27 - GARVÃO

Drogaria Carapinha
De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha
REDES - TINTAS - RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC.
Tel. 286 555 441
Tlm. 936 337 373
Rua Nova, 28 - GARVÃO



SUL e SUESTE

A velha, o chibo e o lobo.

Crónica passada no Monte da Pézinha. Retirada do Livro "SUL e SUESTE" publicado em 1940 por Joaquim da Costa, natural de Garvão.

O SÍTIO é pitoresco. No planalto que se estende aquém Garvão, no meio desta paisagem de restolhais e pastos secos, a mancha escura do arvoredo é nota viva que os olhos procuram na desolação da terra sedenta, requeimada. Um monte minúsculo. Um barranco orlado de estevas e junquinhos. Um hortejo com sua figueira meã; uma fonte... Depois o arvoredo: pinheiros bravos, grandes eucaliptos, e so-breiros de tronco nu, torcido e ensanguentado...

Procuramos sombras a-fim de nos refazermos da caminhada por terras bravas, deitamo-nos sob as frondes altas e verdes. E enquanto o Sol refulge no céu sem nuvens, dum azul sem par, embalado pela música da aragem na ramaria, deitado no chão atapetado de folhas secas, ouço os risos e a conversa de Cesar e Serafim. Eles evocam tempos muito antigos, referem-se a factos acontecidos em épocas remotas, reproduzem lendas que vieram até nós, na amável tradição oral destas gentes, galgando as alpondras das várias gerações...

Há um silêncio. Uma rôla geme com sede para os lados das courelas do «Monte Major».

Dona gentil, flor delicada da charneca, passa entre pinheiros, a ânfora ao quadril, a caminho da fonte. Com uma voz que tem um timbre igual ao do murmúrio da fonte que brota do talude, entre liquens e agriões, a camponesa saúda-nos.

- Ora, salve-os Deus!

- Deus a salve, Marianita! – respondemos.

Ela desaparece por entre os pinheiros, caio em estado de repouso, e os meus companheiros retomam o fio da conversa.

Ouçõ, então, o conto breve que para aqui transplanto, e é contado por Serafim, o loiro e rosado companheiro desta excursão às terras da «charneca»:

«Além, no «Monte da Pézinha», - começa o Serafim - viveu em tempos que já lá vão, uma pobre velhinha que mal ganhava para comer, e vivia longe dos outros seres humanos, destinada por Deus a viver naquele Monte, num êrmo, tendo apenas por companhia um gato preto, uma cabra e um chibo. O Monte era, por esses recuados tempos, rodeado de pinhais e matos. E mal chegava a noite, os uivos dos lobos entoavam lúgubremente por estas solidões, arrepiando de medo quem os ouvia.

Ora, os lobos esfaimados causavam grandes estragos nos gados das regiões e os camponeses entenderam por bem associarem-se com o fim de darem caça às malditas feras que dizimavam seus rebanhos.

Organizaram-se batidas; mas os lobos açolhiam se nas brenhas, durante o dia, e à noite, protegidos pela escuridão, assaltavam os currais e os apriscos.

O bicho homem valeu-se então das suas manhas.

Armadilhas troçoceiras, disfarçadas entre os matos e os pastos, foram dispostas pelos campos. E também junto do «Monte Pézinha» se preparou uma, essa que havia de dar brado por êstes arredores de Garvão.

Constava a dita armadilha de funda cova, oculta entre estevas e pastos secos, e de larga prancha colocada sôbre eixo fixo, a qual prancha funcionava com certo pêso, à maneira de balancê.

Na extremidade da tal prancha colocavam os camponeses um chibo bem preso por grossa e implacável corda. Fortemente amarrado à tábua larga, o bicho enchia, à noite, de balidos tristes e aflitivos as solidões da charneca, atraindo ali as feras inimigas dos homens e dos rebanhos.

Muitos lobos caíram no lôgro.

Porém, a contribuição para o funcionamento da armadilha, era deveras pesada. Cada pessoa que vivesse em monte seu, com economia sepada, e tivesse mais que uma cabeça de gado, via-se na obrigação de contribuir com um ou mais chibos, conforme as posses.

E a vez da «Tia Pézinha» chegou. Viu-se coa-gida a entregar o seu chibinho, irremediavelmente condenado a servir de isco ao irmão lobo. Pobre velha! Quanto lhe custou imolar na ara do ódio à fera, o animal seu amigo e

companheiro, que ela ajudava a criar, metendo-lhe com jeito, na bôca faminta, as tetas da mãe cabra!

Quando lho levaram de casa, não teve vergonha de chorar diante dos duros camponeses que se riam dela, os malditos!

O chibinho foi levado, e a «Tia Pézinha» lá ficou no seu casebre, chorando tamanha desgraça. Mas a velha não se conformou. Nessa mesma noite, depois de recolher a cabra, que balia com saudades do filhinho, «Tia Pézinha» nem preparou a costumada açorda temperada com poejos do barranco. Os descarnados braços sôbre a mesa, à luz da candeia que balouçava num gancho e espalhava sombras pelas paredes mal caiadas, elaborou audacioso plano. Arrancaria seu chibinho das garras da fera se preciso fôsse!

E por noite velha e relha, ela aí vai a cami-nho da «cova do Lobo», na firme disposição de Rehaver seu animal, cujos balidos feriam, a espa-ços, o silêncio e a solidão das terras bravias. Fazia um tempo medonho. As árvores, batidas pela ventania, esbracejavam, como se mãos invisíveis as estorcegassem, ou fôssem atacadas de fúrias epiléticas. Parecia, senhores, que o Demo andava à solta por todo o largo planalto aquém Garvão!

A miseranda velha, enrolada no seu chaile esburacado, arrimada ao seu bordão, e, aqui tombando, além, se erguendo, atravessou o pinheiral, dirigiu se para os lados

onde partiam os balidos do seu chibinho.

Ouviam-se uivos.

A ventania soprava com mais fôrça.

E aos ouvidos da velha, soavam, cada vez mais débeis, os balidos do animal.

Ela foi-se arrastando, arrastando, penosamente...

Uma nuvem negra descobriu o crescente pálido no céu tórvo e, ao clarão lunar, a velha pôde ver, comovida, o chibo a estorcer-se na prancha, prêso a ela por corda tão forte como corrente de ferro, e que o matava lentamente. Lá estava o seu chibinho! E a corajosa mulher não hesitou um momento. Aproximou-se daquela cova que altas medronheiras, estêvas e pastos encobriam e, resoluta, calcou a prancha, avançou...

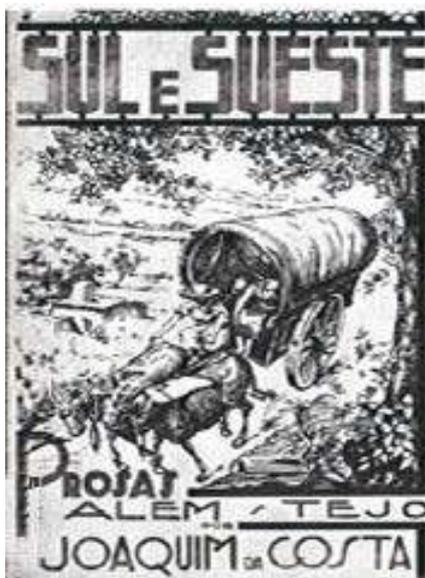
E já quando suas engelhadas e trémulas mãos se baixavam para o animalzinho preso, a prancha deu de si... E num abrir e fechar de olhos, a velha tombou na cova.

Mas o lobo rondava, farejava. Ao clarão da lua, avistara o vulto da velha. Não desistiu, todavia, do seu intento, que a fome roía-lhe as entranhas, e a presa, chibinho ainda de leite, era tenrinha.

Deu um salto entre os medronheiros, Inçou-se, rosnando, sôbre o chibo, que já mal balia - Mas a prancha tornou a dar de si, e o lobo faminto caiu também na armadilha.

Ao outro dia, os camponeses, cheios de espanto, encontraram sobre a prancha, já morto, o chibo; e na cova, cada qual a seu canto, a velha e o lobo. «Tia Pézinha», tremia, tremia, não se sabe se de medo, se de frio, ou se de medo e de frio ao mesmo tempo...

E muito se admiraram os camponeses, como eu, Serafim de Carvalho, combatente da Grande Guerra, me admiro, ainda hoje, de o lobo não ter comido a velha...»



UM POVO DE TRADIÇÕES

Carlos Alves

Vereador do Pelouro da Agricultura e Desenvolvimento Rural

Ao longo dos anos cultiva-se uma ideia séria de que as comunidades se definem pelas suas características, a sua identidade.

A Freguesia de Garvão é um exemplo certo desta ideia preservando uma feira secular e agora, também, atingindo a marca do centenário da Funcheira, a partir da construção da estação de caminhos de ferro que a dinamizou e que se situa no mapa ferroviário como uma das mais antigas e estratégicas.

Reconheço que o valor de uma terra se distingue pelo seu Povo e pela sua história. E nestes princípios realço a capacidade dos Garvanenses de se conseguirem unir em torno da defesa da sua terra e de preservar as tradições locais.

Ao longo dos anos e nos respectivos momentos foi possível, com humildade e empenho de todos, desenvolver uma marca própria de uma freguesia que sabe reconhecer a necessidade de conciliar a tradição com a inovação.

A alteração da data da Feira de Garvão para o fim-de-semana mais próximo é um exemplo dessa vontade e do sucesso que se alcança adequando a tradição aos tempos modernos e ao novo estilo de vida das pessoas.

Também as comemorações do Centenário da Funcheira enaltecem o espírito de unidade da população no trabalho de preparação e na organização das festividades, resultando num sucesso de toda a Freguesia.

É verdade que pensamos de maneira diferente uns dos outros e ainda bem que assim é. É isso mesmo que nos enriquece como Povo e que nos faz ser capazes de promover uma imagem de humildade e de cidadania que a todos orgulha.

É importante fazer mais pelo progresso da Freguesia de Garvão? Sim, sempre, mas com a consciência de que o devemos fazer lutando pelas razões justas e proporcionais que beneficiem toda a população e que garantam o futuro da freguesia.



CHUVADA DE GRANIZO

Forte chuvada de granizo, algumas pedras de gelo do tamanho da cabeça do polegar, cobriram de branco, no passado dia 29 de Abril, a vila de Garvão, com inúmeros prejuízos em hortas, árvores de fruto, telhados e bloqueando ruas, que tiveram de ser limpas com rectroescavadora, devido à altura do gelo acumulado que impedia a circulação rodoviária e inclusivamente de pessoas.



RÁDIO OURIQUE

Uma Rádio Local Renovada em 94.2 fm.

Depois de um arranque renovado no final do ano passado, com emissão de programas em directo, entrevistas, informação actualizada, entre outros, a Rádio Ourique, pretende aos poucos alcançar um espaço de relevância na região, na área da comunicação radiofónica.

In: Passos do Concelho, Agosto de 2011.

CACTO CAI NA PLACA

14 anos depois das Intempérides de 1997

Um pequeno cacto, trazido pelas cheias de cinco de Novembro de 1997, cresceu, nestes últimos catorze anos, para alturas incomportáveis com o seu peso e tamanho, acabando por cair para dentro da placa no passado mês de Junho.




Informática

PSC, Informática de Paulo J F Sousa Cruz
Rua Nova 5A - 7670-141 Garvão
Telm.: 938 783 670 - E-mail: pscsz3366@gmail.com


MONTARAZ
GARVÃO


Agência Funerária Alentejana
Funerária e instalações para todos e para todos

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Apartado 88
1990-909 Corrupeim
Tel - Fax 286 511 561
Email: funeralentejana@sapo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Vila Nova de Mil Fontes
Lda 26 Carre
Rua Gago Coutinho 72
1990-420 Sobral
Tel - 263 682 117
Estrada Nacional
3, Lda F
Garrão

Joaquim Gonçalves 938810686
Elo Guerreiro 968193679
932699548
Pedro Gonçalves 932699541

MOVIGARVÃO
Carlos Alberto Guerreiro Silva
Telm. 934 050 159
Móveis - Electrodomésticos
Tapetes e outros artigos
de decoração para o Lar
Candeeiros - Cozinhas por medida
Tlx/Fax 286 555 164 - B.º Escola, L 2 - GARVÃO


Café Snack - Bar
"NOVO RUMO"
Servem-se refeições e petiscos diversos

Telm.: 934 785 927 / 936 214 652
Rua de Alamo, N.º 11 ** 7670-186 Garvão

REVEZ & GONÇALVES
Materiais de Construção, Lda.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
PECUÁRIA
VENDA A RETALHO

Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA

Maldonado



A menção à família Maldonado surge no livro “da Misericórdia e do Espírito Santo” da vila de Garvão, como grandes proprietários no extinto concelho medieval de Garvão.

De facto nas escrituras de aforamento das várias propriedades da Irmandade do Espírito Santo e

posteriormente da Misericórdia, surgem os nomes de Dom Miguel Maldonado e Dom Sebastião Maldonado, como detentores de grandes extensões de terras nos arrabaldes desta vila que chegavam inclusivamente à rua Nova.

Em cerca de vinte menções à família Maldonado nas respectivas escrituras dá-se como exemplo as seguintes:

“Foro da Herdade do Arzil feito no ano de mil setecentos sessenta e nove ao sete dias do mês de Setembro, que parte com terras da Herdade de Vale de Inxares de baixo de Dom Sebastião Maldonado”.

“Foro de um farrejal sito ao pego do Limão no ano de mil setecentos e sessenta e nove anos, sendo aos cinco dias do mês de Julho o qual parte com farrejal de Dom Miguel Maldonado e com a estrada que vem para a vila do moinho do Morgado que chamam do Madeira”.

Sobre a origem da família Maldonado, dizem os genealogistas, que procedem da família Aldana cujo membro mais antigo que se conhece teria sido um Fernão Peres de Aldana, descendente de Teodorico, rei dos ostrogodos, por linha de um Suero, que passou à Galiza e fundou a casa solarenga e infanzona em Aldana na comarcas de Santiago.

A tomada do nome Maldonado teria surgido na contenda entre este Fernão Peres de Aldana e o nobre francês, duque de Normandia, sobrinho do rei de França, na qual o rei de França terá oferecido a Fernão Peres de Aldana, como vencedor, para que poupasse a vida do sobrinho, de tudo o que este quisesse, retorquiu o ainda não Maldonado, de que era farto em haveres, mas tendo o brasão de armas do rei francês três flores de Lis este exigia que lhe fosse atribuído um brasão de armas com cinco flores de Lis ao que o rei francês retorquiu “Je te las donne, bien qu’elles soyent maldonées. (Eu dou-tas, por mais que sejam mal dadas)”.

Para memória do sucesso, Fernão Peres de Aldana e os seus descendentes tomaram o apelido Maldonado, e engadiram-lhe aos seus brasões cinco lis de ouro sobre azul. A sua casa engrandeceu-se por entronques com as primeiras famílias, e a história registrou muitas vezes as façanhas de Aldanas e Maldonados nas nossas lutas com os sarracenos.

A história da família Maldonado no Alentejo, procede de dois irmãos, cavaleiros espanhóis, que vieram para Portugal no tempo das cruzadas, um radicou-se em Trás-os-Montes o outro no Ribatejo e Alto Alentejo, e é deste que se propagou os Maldonados Alentejanos.

MUSEU ETNOGRÁFICO em GARVÃO

Uma oportunidade perdida.

No Correio Alentejo do dia 22 de Julho consta um artigo sobre: “Vila de Entradas Inaugura Novo Museu da Ruralidade a 29 de Julho”

O número de Museus Etnográficos, ou chamemos-lhe da ruralidade, do trabalho ou das alfaías agrícolas que têm sido abertos neste últimos anos em todo o país, coloca a pretensão de fazer um museu etnográfico em Garvão fora de tempo, pela originalidade perdida.

Aquilo que poderia ter sido uma mais valia para a terra à quinze, dez ou mesmo à cinco anos atrás encontra-se actualmente fora de originalidade, precisamente pelo imenso número de museus etnográficos abertos nestes últimos anos, alguns dos quais têm, infelizmente, encerrado, ou por falta de apoios, verbas, visitantes ou pela concorrência de outros museus mais dinâmicos, entre outras causas.

Continua a haver espaço para este tipo de exposições seja em Garvão ou noutras terras, tem é de se procurar a tal “originalidade” perdida e inovar em termos de exposição e inclusivamente em termos museológicos.

A ideia de expor uma série de artefactos, alfaías e outros instrumentos de trabalho num edifício para ser apreciado, poderá estar ultrapassada e não corresponder às exigências actuais, mais do que isso é preciso evoluir e levar o museu às pessoas em que o palco extrapola os muros da “casa-museu” e transforma a povoação na “Vila-Museu”.

ACHADOS EM OURIQUE MUSEU EM ALMODÔVAR.

No Diário do Alentejo de 29 de Julho saiu um artigo sobre o "O Museu da Escrita do Sudoeste em Almodôvar".

Para além da inegável contribuição tanto em termos de desenvolvimento regional, como no estudo e na divulgação desta primeira forma de escrita na Península e em particular nesta região, que a feitoria deste museu veio enriquecer, convém em termos de divulgação científica ter todos os cuidados em associar as várias propostas ou teses sobre a origem não só dessa escrita, conhecida por “Escrita do Sudoeste” como também dos povos que lhe deram origem.

O contributo Tartéssico, como peremptoriamente vem afirmado, depois das devidas dúvidas dissipadas e as respectivas conclusões tiradas não será de descartar. Contudo enquanto a essas conclusões não se chegam, terá de se ter em conta outras propostas avançadas, não deixando todavia de salientar a escassez de estelas encontradas na região de Huelva, em Espanha, tido como solar da cultura Tartéssica.

De facto a questão central sobre as origens da “Escrita do Sudoeste” ainda hoje se prende com a decifragem de tal escrita, e obviamente com o povo ou povos e a respectiva língua que lhe deram origem, centrando-se as opiniões e investigações actuais em saber se esta escrita foi redigida na língua dos povos do Mediterrâneo Oriental, que chegaram à península Ibérica, ou se essa forma de escrita foi adaptada às línguas locais, veja-se a este propósito as importantes contribuições dos professores Mário e Rosa Varela Gomes ou o mais recente livro de Augusto Ferreira do Amaral “Neo-Hititas em Portugal”.

De salientar, também, a falta, neste artigo, da indicação sobre a proveniência da maioria destas estelas epigrafadas com a “Escrita do Sudoeste”. De facto ao ler-mos no artigo a seguinte frase: “*O concelho de Almodôvar tem um grande número de ribeiros e rios e, por isso, é natural que esteja no centro deste fenómeno*”, poderá nos induzir em erro sobre a proveniência da maioria destas estelas, as quais têm sido achadas maioritariamente nos concelhos de Ourique e Loulé. A tese de doutoramento do Arqueólogo Caetano Mello Beirão sobre esta escrita, e principal divulgador destas estelas, tendo como palco central o concelho de Ourique, não deixa de ser, também, ainda, uma boa referência sobre os achados destas estelas epigrafadas.

GARVÃO PERDE 121 HABITANTES EM 10 ANOS

Segundo o Jornal Costa a Costa, de 8 de Agosto, os resultados preliminares dos Censos de 2011 revelam que Garvão perdeu 121 habitantes de 2001 a 2011.

Seguindo a tendência geral de todo o Baixo Alentejo, de facto das seis freguesias do concelho de Ourique, todas desceram no número de habitantes, com quebras que oscilam entre os 10,4% para a freguesia de Ourique e os 39% para a freguesia da Conceição.

Garvão dos 851 habitantes em 2001, tem 730 em 2011, quebra de 14,2% e 121 habitantes. Conceição dos 141 habitantes em 2001, tem 86 em 2011, com quebra de 39% e 55 habitantes. Ourique dos 3041 habitantes em 2001, tem 2873 em 2011, com quebra de 5,5% e 168 habitantes. Panoias dos 634 habitantes em 2001, tem 496 em 2011, com quebra de 21,8% e 138 habitantes. Santa Luzia dos 393 habitantes em 2001, tem 352 em 2011, com quebra de 10,4% e 41 habitantes. Santana da Serra dos 1139 em 2001, tem 850 em 2011, com quebra de 25,4% e 289 habitantes.

